Dia 27 — São Cesário, Bispo de Arles

São Cesário, uma das maiores luzeiras da Igreja galicana, nasceu no ano de 469 no território de Chalon, às margens do rio Saône, de pais distintos por sua antiga nobreza, mas muito mais por sua exemplar piedade. Tomou o gosto às coisas de Deus desde a meninice. Ainda não tinha sete anos, e já se enternecia à vista de um crucifixo ou de qualquer outra imagem devota. Voltou um dia a casa meio nu, e seus piedosos pais ficaram gostosamente surpreendidos quando souberam que havia dado parte de suas roupas a um necessitado. Crescendo sua virtude com a idade e seu desgosto do mundo com o amor de Deus, sem dar notícia a seus pais, foi buscar o bispo de Chalon e suplicou-lhe que lhe cortasse o cabelo e que com a tonsura lhe concedesse o hábito clerical. Estava já muito informado o bispo da virtude do santo menino e não só lhe concedeu tudo o que pedia, mas também o agregou ao clero de sua igreja, apesar das oposições de sua família.

Mas, desejoso ainda de vida mais perfeita e distante da vista de seus pais, tomou a resolução de fazer-se religioso no célebre mosteiro de Lérins, situado na Provença. Não pôde empreender sua fuga com tanto segredo que sua mãe não chegasse a entendê-la. Despachou logo alguns criados atrás dele, mas nunca o puderam alcançar. Também se assegura que o demônio fez quanto pôde para estorvar seus santos intentos. Foi-o seguindo por mais de uma légua um endemoninhado, gritando com todas as suas forças: «Cesário, não passes adiante; detém-te, Cesário.» Fatigado o virtuoso mancebo daqueles importunos gritos, parou; fez o sinal da cruz numa taça que levava, tendo-a enchido de água, deu-a a beber ao possesso, e logo ficou livre de tão enfadonho hóspede.

Chegando a Lérins, deu-lhe o hábito de monge São Porcário, abade do mosteiro. Em breve tempo fez-se admirar de todos os religiosos o fervor, a devoção e a modéstia do jovem noviço. Professou e, vendo-se ligado à religião com os sagrados votos, soltou as rédeas a seu fervor. Parecia ter nascido sem paixões; e, por força de sua contínua mortificação, perdeu o uso dos sentidos. Era perpétuo e rigoroso seu jejum; gastava em oração e em leitura o tempo dedicado ao descanso; por sua apacibilidade, por sua compostura e por sua íntima união com Deus, não era conhecido por outro nome que pelo de anjo do mosteiro. Arruinaram-lhe a saúde os rigores de sua penitência, juntos à delicadeza de sua compleição. Fez seu santo abade quanto pôde para que a recobrasse; mas, vendo que nada aproveitavam os remédios nem seu paternal cuidado, julgou que lhe faria mais proveito a mudança de ares. Enviou-o à cidade de Arles, a casa de um cidadão muito conhecido nela, que se chamava Fermino e que com sua mulher Gregória se exercitava em obras de caridade com os pobres e com os religiosos enfermos. Enamorado Fermino da extraordinária virtude de Cesário, tratou-o como a filho seu, cuidou de sua saúde com carinhoso desvelo, logrou reparar-lha de todo; e, parecendo-lhe que lhe fazia duplo benefício, pô-lo sob a disciplina de Pomério, célebre retórico, para que o aperfeiçoasse na eloquência e nas letras humanas. Mas pedia Deus a Cesário outro estudo mais sério e mais conforme aos desígnios de sua divina Providência.

Assim lho manifestou numa visão, e desde então unicamente se dedicou ao da religião e da sagrada Escritura.

Visitando um dia Fermino o bispo Eônio, disse-lhe na conversação que tinha hospedado em sua casa um monge de Lérins, moço de um mérito nada vulgar. Chamou-o o prelado; fez-lhe várias perguntas acerca de seu país e de sua família; reconheceu por elas que era seu parente e, com beneplácito de seu abade, deteve-o em seu palácio e o incorporou ao clero de Arles. Conferiu-lhe logo as ordens sagradas e pouco depois o ordenou presbítero. A nova dignidade o fez mais humilde e mais mortificado. Lembrando-se de que era religioso, quis parecer sempre o que era. Nunca mudou seu modo de viver; sempre o primeiro aos divinos ofícios, sempre mais penitente, mais caridoso e mais devoto; era para ele o palácio episcopal o mesmo que o mosteiro. Havia fundado um São Honorato no arrabalde da cidade e situado-o numa ilhota que forma o Ródano, chamada a Camarga. Fê-lo abade o bispo, e o santo o governou três anos com tanto zelo, com tanta prudência e com tanto acerto que, tendo caído enfermo o bispo da enfermidade de que morreu, desejou muito não ter outro sucessor que Cesário. Morto o prelado, foi eleito Cesário para suceder-lhe por unânime consentimento. A todos agradou a eleição, menos a ele; resistiu, fugiu, escondeu-se; mas tudo foi em vão; era preciso render-se a um chamado de Deus tão descoberto.

Logo que Cesário foi elevado à cadeira episcopal, reconheceram todos que tinham nele um perfeito sucessor dos apóstolos. Correspondeu seu zelo a sua eminente virtude e a seu zelo o fruto de seus trabalhos. Pregava regularmente duas vezes ao dia, pela manhã e pela tarde, e sempre com eficácia e com maravilhosa moção. Parecia que registrava o mais interior dos corações, segundo as vivíssimas pinturas que fazia dos costumes e das desordens de seu tempo. Tinha singular talento para descobrir e para curar as enfermidades da alma. Sua caridade com os pobres jamais lhe permitia deixar algum sem socorrê-lo; costumava dizer que as rendas do bispo eram a pensão que a Igreja tinha consignada para alimentos dos necessitados. Nenhum pastor excedeu a nosso santo no cuidado de seu rebanho. Em toda a sua diocese não houve aldeia, choça nem cabana que não visse todos os anos seu bispo, nem pessoa alguma que se escondesse a sua vigilância pastoral. Se manifestou seu zelo em reformar os abusos, em desarraigar os vícios e em restabelecer a disciplina, não resplandeceu menos em conservar entre suas ovelhas a pureza da fé. Combateu principalmente a heresia dos arianos que professavam os godos, donos então da província. Não explicou menos seu zelo em atacar os pelagianos, e especialmente os semipelagianos, cujo número era o maior. Nem sua caridade se estreitava aos limites de sua diocese. Enviava aos reinos comarcãos muitas cópias ou traslados de sermões que suprissem a falta de pregadores e facilitassem a sã instrução dos fiéis. Também se aplicou a regular o ofício e culto divino e a desterrar dos templos as conversações inúteis, as posturas indecentes, os trajes e modos desenvoltos e, enfim, tudo o que cheirava a profanidade. Em meio de tantos trabalhos, jamais se dispensou em alguma de suas acostumadas penitências; e causava admiração como podia fazer tantas esmolas com rendas tão moderadas. Fundou hospitais, tanto para os enfermos como para os peregrinos ou forasteiros, e também fundou alguns mosteiros.

Sendo nosso santo tão agradável a Deus, não lhe podiam faltar tribulações. Achou-se exposta sua paciência a tristes e prolongadas provas. Reinava então na Espanha Alarico II, rei dos visigodos, e estendiam-se seus Estados à Aquitânia e à Gália Narbonense, que compreendia o Languedoc e grande parte da Provença. Embora fosse ariano o monarca, permitia aos bispos católicos que se

juntassem para a conservação da fé e para atender à disciplina eclesiástica. Convocou-se um concílio na cidade de Agde no ano de 506. Presidiu nele São Cesário, a quem os bispos respeitavam como a seu mestre por sua doutrina e por sua virtude. Acharam-se neste concílio trinta e cinco bispos, que fizeram setenta e um cânones de muita importância para a disciplina. Ordenava o décimo oitavo que todos os fiéis comungassem três vezes ao ano, na Páscoa, em Pentecostes e no Natal, acrescentando que os que faltassem a isto não seriam tidos por católicos. Era São Cesário rígido zelador e muito observante dos sagrados cânones, pelo que os fazia observar a todos com sua acostumada exatidão. Desagradou a muitos este zelo; formaram contra o santo uma espécie de conjuração e não pouparam meio algum para desacreditá-lo e para perdê-lo diante de Alarico, forjando contra ele mil calúnias. Estava à frente dos descontentes Liciniano, notário de sua igreja, e acusou o santo de que favorecia secretamente os borgonheses. Movido desta falsa acusação, lançou o rei Cesário de sua igreja e desterrou-o a Bordéus. Sofreu o santo com heroica paciência as incomodidades de seu desterro. Conheceram os de Bordéus sua inocência logo que foram testemunhas de sua santidade. Pegou fogo na cidade, e não se achou outro meio para atalhar o incêndio que recorrer às orações do santo. Mal se pôs em oração à vista das chamas, estas se apagaram. Informado Alarico do milagre e da exemplar paciência com que levava seu desterro, restituiu-o a sua igreja. Foi recebido nela com públicas demonstrações de alegria; mas não durou muito a calma. Derrotado Alarico por Clóvis nas planícies de Poitou, perdeu com a coroa a vida.

Sucedeu-lhe Teodorico, rei dos ostrogodos na Itália, e logo se viu com os franceses e com os borgonheses entre os braços, sitiando uns e outros a cidade de Arles. Passou-se ao campo dos sitiadores um eclesiástico moço, parente de São Cesário, e daqui se tomou pretexto para uma nova calúnia. Os arianos e os judeus, que formavam o partido mais poderoso e eram inimigos da religião de nosso santo, acusaram-no aos ministros do rei de que tinha inteligência com os franceses e os borgonheses e tratava de entregar-lhes a cidade. Bastou isto para supô-lo réu; lançaram mão dele, encerraram-no numa horrorosa prisão, e já se tratava de arrojá-lo ao Ródano quando felizmente se interceptou uma carta de certo judeu que prometia aos sitiadores torná-los donos de uma porta da cidade, contanto que livrassem do saque todos os de sua nação. Conheceu-se por esta casualidade a inocência do santo. Tiraram-no do calabouço, puseram-no em liberdade, e só se aproveitou dela para assistir a uma multidão de pessoas desamparadas que se refugiaram na cidade depois de levantado o sítio. Vendo São Cesário que as deixavam perecer de fome e de miséria, depois de haver vendido tudo quanto tinha para socorrê-las, mandou fundir os vasos sagrados de ouro e prata que serviam ao altar para pagar o resgate dos prisioneiros e para sustentar os que estavam em perigo de morrer de necessidade.

Esta generosa caridade, admirada de todos os bons, irritou o coração dos invejosos, que não podiam sofrer sua virtude, e deu pretexto a outra nova calúnia. Deu-se a entender a Teodorico que Cesário havia destruído e empobrecido sua igreja para enriquecer os franceses e os borgonheses e que fomentava sempre nos povos certo espírito de sedição. Mandou-lhe o rei comparecer na Itália para responder às acusações que se lhe faziam. Obedeceu o santo; passou a Ravena e apresentou-se ao rei com aquela serenidade de semblante e com aquele sossego de coração que inspira a boa consciência. Bastou sua presença para dissipar as impressões do monarca. Logo que o viu, sentiu-se penetrado da maior veneração e respeito pelo santo bispo; não lhe permitiu falar uma só palavra em ponto de justificação, cumulou-o de honras, fez-lhe ricos presentes, que admitiu

Cesário; mas no mesmo dia os empregou todos em resgatar quantos prisioneiros de sua diocese se achavam na Itália. Não pôde deixar de admirar e de publicar o próprio rei uma caridade tão assombrosa. Sabedor o papa Símaco de que São Cesário estava em Ravena, quis vê-lo. Foi recebido do pontífice, do clero e dos senadores de Roma com aquelas honras que só se tributam à virtude e a um mérito extraordinário. Sua presença aumentou sua reputação. Concedeu-lhe Sua Santidade o pálio e permitiu que os diáconos de sua igreja levassem dalmáticas como os da Igreja de Roma.

Restituído a ela São Cesário, gozou da paz e da calma que lhe havia merecido sua eminente virtude. Reedificou o mosteiro que havia começado e haviam destruído os arianos com o pretexto do sítio, dedicando-o à Santíssima Virgem, a quem professou toda a vida muito singular devoção; e é aquele célebre mosteiro que se chama hoje a abadia de São Cesário. Pôs nele uma comunidade de religiosas, fazendo vir para governá-la sua irmã Santa Cesária, que vivia com grande fama de santidade num mosteiro que o famoso abade Cassiano havia fundado perto de Marselha. Compôs-lhes uma regra em que se descobre sensivelmente o espírito do Senhor, e é um compêndio da perfeição cristã. Observou-se exatamente no mosteiro até que se introduziu nele a regra de São Bento. Também dispôs o santo outra regra para os monges, que foi recebida em muitos mosteiros.

Não foram elas as únicas obras que escreveu este grande santo. Na coleção das dos padres acham-se muitas homilias suas, e os sábios se doem com razão da grande perda que fez a posteridade eclesiástica no tratado da Graça e do livre-arbítrio que compôs contra Fausto de Riez. Sendo já São Cesário o oráculo de toda a França por sua sabedoria e por sua santidade, celebrou um concílio em Arles, onde se fizeram muitos úteis regulamentos. Convocou outro em Carpentras, que presidiu ele mesmo; e, achando-se dois anos depois em Orange em companhia de muitos bispos, por ocasião da dedicação da igreja fundada pelo patrício Libério, celebrou-se na mesma cidade aquele famoso concílio, cujos vinte e cinco cânones sobre a predestinação e a graça foram desde logo aprovados pelo papa Bonifácio II, numa epístola que dirigiu a São Cesário, como presidente que havia sido do concílio, e depois foram adotados pelos concílios gerais. Igualmente presidiu no concílio de Vaison e pouco depois no de Riez, em que foi deposto o bispo contumelioso por sua escandalosa vida. Pronunciada a sentença do concílio, escreveu nosso santo ao papa João II, que a aprovou e confirmou quanto havia feito contra aquele indigno prelado, que foi desterrado a um mosteiro pelo resto de sua vida.

Restituído São Cesário a sua igreja, conheceu que Deus queria premiar seus trabalhos e que estava próxima sua morte. Não houve dias mais repletos que os seus. Caiu enfermo por volta da metade de agosto, e todos os seus pensamentos se voltaram aos gozos celestiais, de que já lhe dava o Senhor a gostar alguns como lampejos, em meio das agudas dores que padecia. Enfim, depois de haver recebido os sacramentos da Igreja com o maior fervor, cheio de dias e de merecimentos, entregou docemente seu espírito nas mãos de seu Criador no dia 27 de agosto do ano de 542, aos setenta e quatro de sua idade, venerando-o depois todos os séculos como o verdadeiro modelo de um perfeito bispo. Deram-lhe sepultura, como o havia desejado, no mosteiro das religiosas que havia fundado ele mesmo e que hoje tem seu nome, ainda que a igreja, como já se disse, estava dedicada à Santíssima Virgem.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Cæsarii, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamos-vos, ó Deus onipotente, que nesta venerável solenidade de vosso bem-aventurado confessor e pontífice São Cesário cresça em nós o espírito de devoção e o desejo de nossa salvação. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 4,1-4

> **Latim:** [1] Sic nos existimet homo ut ministros Christi, et dispensatores mysteriorum Dei. [2] Hic jam quæritur inter dispensatores ut fidelis quis inveniatur. [3] Mihi autem pro minimo est ut a vobis judicer, aut ab humano die : sed neque meipsum judico. [4] Nihil enim mihi conscius sum, sed non in hoc justificatus sum : qui autem judicat me, Dominus est.

Português: [1] OS homens devem-nos considerar como huns ministros de Christo: e como huns dispenseiros dos myste- rios de Deos. [2] Ora o que se deseja nos dispen- seiros, he que elles se achem fiéis. [3] A mim pois bem pouco se me dá de ser julgado de vós, ou de qual- quer outro homem: pois nem ainda eu me julgo a mim mesmo. [4] Porque de nada me argue a consciencia: mas nem por isso me dou por justificado: pois o Senhor he quem me julga.

Nota

«Corinto, a mais célebre e a mais rica cidade da Acaia, havia-se entregado a todos aqueles vícios que regularmente acompanham a opulência e o muito comércio com as nações estrangeiras, quais

são a profanidade, os deleites, o regalo e as demais desordens que são consequências destes. Nos dezoito meses que São Paulo se deteve naquela cidade, havia feito grandes conversões; e, tendo partido dela, escreveu de Éfeso esta admirável epístola para preservar os fiéis do contágio.»

Reflexões

Considerem-nos os homens como ministros de Jesus Cristo; isto é, um título tão glorioso deve alcançar dos fiéis o respeito e a submissão que hão de professar aos ministros do Senhor; mas tampouco estes se hão de esquecer da humildade, da bondade e do desinteresse com que devem servir aos fiéis, nem muito menos de quão pura, exemplar e irrepreensível deve ser a vida dos ministros do Salvador; da fidelidade e da pureza de mãos com que devem dispensar os sagrados mistérios; eles são os que manejam os interesses de Deus e dos homens, unindo os direitos de sua misericórdia e de seu amor. Não há emprego mais santo, não há estado mais respeitável, porque tampouco o há mais sagrado nem mais sublime. Que virtude, que santidade pede nos que o possuem! São os dispensadores do sangue de todo um Deus; temamos profaná-lo, dispensando-o aos pecadores impenitentes; mas, sendo o sangue de um Deus que morreu pelos pecadores, temamos também fechar esta fonte de saúde aos que se querem lavar nela. As pessoas consagradas ao santo ministério são como uns ecônomos cuja primeira virtude deve ser a fidelidade. Fidelidade a Jesus Cristo, para buscar unicamente seus interesses; fidelidade à Igreja, para trabalhar com zelo e rendimento sob suas regras e suas ordens; fidelidade aos pobres, para administrar com economia seu patrimônio; fidelidade a todos os fiéis, para instruí-los e para edificá-los. Faltar à fidelidade de Jesus Cristo é sacrílega prevaricação; faltar à da Igreja é sediciosa impiedade; faltar à dos pobres é notória injustiça; faltar à dos fiéis é uma espécie de irreligião que sempre castiga Deus severamente. «Apelo, Senhor, a vosso tribunal», exclama São Paulo, dos errados juízos dos homens. À presença de todo o universo reformareis aquelas injustas sentenças que a maledicência e a malignidade pronunciaram contra vossos servos. Que razão mais poderosa para mover-nos a desprezar os juízos dos homens e a não nos metermos nós em julgar os demais? Com pouca reflexão que façamos sobre a leviandade e a inconstância dos juízos que muitas vezes temos feito dos outros e sobre os interesses e as paixões que nos incitaram a formá-los, ser-nos-á muito fácil desprezar os juízos que os demais fazem de nós. Todo um apóstolo São Paulo, a quem de nada remordia a consciência, nem por isso se crê justificado; pois em que fundamos nós nossa segurança? Esta enganosa segurança precisamente há de ser calma aparente e efeito de uma falsa consciência.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus.

Mateus 24,42-47

> **Latim:** [42] Vigilate ergo, quia nescitis qua hora Dominus vester venturus sit. [43] Illud autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias qua hora fur venturus esset, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. [44] Ideo et vos estote parati : quia qua nescitis hora Filius hominis venturus est. [45] Quis, putas, est fidelis servus, et prudens, quem constituit dominus suus super familiam suam ut det illis cibum in tempore ? [46] Beatus ille servus, quem cum venerit dominus ejus, invenerit sic facientem. [47] Amen dico vobis, quoniam super omnia bona sua constituet eum.

Português: [42] Velai pois, porque não sabeis a que hora há de vir vosso Senhor. [43] Mas sabei, que se o pai de familia soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria sem duvida, e não deixaria minar a sua casa. [44] Por isso estai vós tambem apercebidos: porque não sabeis em que hora tem de vir o Filho do homem. [45] Quem cres que he o servo fiel e prudente, a quem seu senhor poz sobre a sua familia, para que lhes dé de comer a tempo? [46] Bemaventurado aquelle servo, a quem seu senhor achar nisto occupado quando vier: [47] na verdade vos digo, que elle o constituirá administrador de todos os seus bens.

Meditação

Das virtudes aparentes

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais comum no mundo que a aparência da virtude. Aquela estima que inspira a própria razão natural a todo homem pela retidão, pela bondade, pela habitualidade da alma em obrar bem, em seguir o que ordena a religião e o que dita a reta razão, junto com aquela paixão que tem uma alma naturalmente orgulhosa de sobressair, de distinguir-se e de lograr tudo o que granjeia honra e aplauso, são a verdadeira origem da hipocrisia, isto é, daquele artifício que se afeta em matéria de virtude e de devoção. Quantas hipocrisias se imaginam lícitas para ocultar alguém o que é, sobretudo quando se crê necessária a boa reputação para o bem do público! É a hipocrisia uma vassalagem que o vício tributa à virtude. O orgulho é o verdadeiro pai de todas as virtudes falsas; mas o amor-próprio tampouco tem a menor parte em seu nascimento. Enamoram, encantam os privilégios da verdadeira virtude; seu resplendor afaga os olhos, e a honra que a acompanha irrita, por assim dizer, o apetite de uma alma naturalmente orgulhosa; mas, como a verdadeira virtude pede necessariamente muitas violências, muitos sacrifícios, que são indispensáveis para ser verdadeiramente virtuosos, o amor-próprio, que não gosta desta violência, só se aplica às aparências da virtude, que enganam com exterioridades especiosas; esta mentirosa máscara contenta o orgulho, sem turbar as paixões nem inquietar o amor-próprio. Afeta-se uma doçura superficial, uma modéstia bem figurada, uma humildade que nunca passa das palavras nem daquele arzinho ou encolhimento que quer representá-la; fazem-se todas as boas obras que

metem ruído e assiste-se com pontualidade a todas as devoções da moda. A dissimulação é arte que com um pouco de habilidade e outro pouco de aplicação basta para aprender-se. Na verdade, o papel de devoto bem representado engana, e certamente é coisa muito fácil deixar-se enganar por ele; mas que adiantarão esses mascarados? A comédia não dura muito tempo, e a máscara cai ou se gasta, e lá no fundo da consciência se conhece muito bem que não há coisa mais desprezível do que querer um homem figurar o que não é. Sem embargo, não há hoje coisa mais comum que esta ímpia mascarada. Não houve herege que não tenha afetado enganar com seu exterior; nenhum que não tenha arremedado o homem devoto, o homem mortificado, o homem modesto. Bom Deus! Esta generalidade de virtudes falsas prova evidentemente a necessidade de um juízo universal.

Segundo ponto

Considera que as virtudes aparentes se encontram principalmente em três classes de pessoas: nos hipócritas, nos que o mundo chama homens de juízo e na gente moça. Nos hipócritas, por malícia; e na gente moça, por fraqueza da idade. Os hipócritas, como embusteiros, afetam a aparência da virtude para colher o fruto, que é a estima e o aplauso, mas sem fazer os gastos. Não podem ter virtude que não seja falsa, visto que a virtude está fundada na verdade, a qual nasce de um coração intimamente persuadido ao bem sólido com sincero desejo de conseguí-lo. Faltando nos hipócritas este sincero desejo, só têm a aparência de bons; mas seu interior é falso e mentiroso: não buscam diretamente o miolo do bem, mas a casca; e por isso toda a sua afetada virtude está na superfície. Com tudo isso, logram o que pretendem, que é o conceito, a estima e o aplauso dos homens; porque os homens só julgam pelas aparências, não podendo penetrar o fundo do coração. As virtudes dos filósofos antigos eram falsas; fora do cristianismo e da verdadeira religião não pode haver verdadeira virtude. Tais são ainda entre os cristãos as virtudes de muitos que se chamam homens de juízo ou homens de bem; pouco cimentados na fé e na devoção, só possuem umas virtudes morais e naturais que não são incompatíveis com o vício e até com a impiedade. São reputados por virtuosos porque têm certa espécie de moderação, de retidão e de justiça; mas é falsa sua virtude, porque a alma das virtudes é a fé, e por outra parte lhes falta a devoção. Que importa que sejam moderados e justos, se desprezam a humildade, a caridade, a paciência, sem as quais não é possível ser verdadeiramente virtuosos, por quanto todas as virtudes têm entre si certa essencial conexão? Os jovens facilmente dão também neste escolho: deslumbrados de uma falsa brilhantez, faltos de experiência e com a razão pouco ilustrada, frequentemente equivocam com a virtude a aparência dela. Observa-se isto em muitos noviços que, entregues ao serviço de Deus por um poderoso impulso da graça, dão em excessos de que muito logo se cansam. A verdadeira virtude tem um caráter que não se pode contrafazer; é verdadeiramente humilde, mansa, caridosa, mortificada, exata e pontual em observar até as mais mínimas obrigações do estado; de uma consciência delicada, de um coração reto, brando e benéfico, e de uma devoção afetuosa e terna. Meu Deus, que pouca verdadeira virtude se acha no mundo!

Mas, Senhor, ainda que se achasse muito menos, espero com o favor de vossa divina graça, e pela intercessão de vossa santíssima Mãe, em quem depois de vós coloco toda a minha confiança, que de hoje em diante hei de ter uma verdadeira virtude.

Jaculatórias

> *Dirige me in veritate tua, et doce me.* Sl 24.

Dirigi-me, Senhor, pelo verdadeiro caminho de vossa santíssima lei e ensinai-me a praticar a verdadeira virtude.

> *Cor mundum crea in me, Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis.* Sl 50.

Dai-me, meu Deus, um coração puro e limpo, acompanhado daquela reta intenção sem a qual não há verdadeira virtude.

Propósitos

1. Distingue-se a verdadeira virtude cristã da falsa pelo princípio de onde dimana, que é Deus e a graça, sendo esta a que lhe comunica sua estima e seu valor. Distingue-se pelo motivo que a excita, que sempre é sobrenatural; e dele se deriva o esplendor que a acompanha. Distingue-se pelo fim a que se dirige, que é puramente agradar a Deus e adiantar o negócio da salvação. O verdadeiro modelo de todas as verdadeiras virtudes foi Jesus Cristo, e os santos foram fiéis cópias suas. Nunca percas de vista estes grandes modelos. Se queres conhecer se tua virtude é verdadeira, examina qual é seu princípio, qual seu motivo e qual seu fim. Desconfia de toda obra exterior, por louvável que pareça, se não está animada da caridade, que é a alma de todas; sem ela, tudo é exterioridade, aparência e superfície de virtude. Aplica-te a agradar a Deus em quanto empreenderes, procurando, à imitação de Jesus Cristo e dos santos, que sua maior glória e a salvação de tua alma sejam o único motivo e fim de todas as tuas ações.

2. Ainda que não se possuam desde logo todas as virtudes, não é possível ter uma sem que esteja acompanhada de um verdadeiro desejo de adquirir todas as demais. Se és verdadeiramente devoto, abrasar-te-ás em vivas ânsias de ser humilde, caridoso, mortificado e paciente; se és verdadeiramente humilde, com ninguém te poderás mostrar duro, melindroso e desabrido; guardar-te-ás bem de manifestar-te impaciente, pouco sofrido e colérico. Fazes esmola, rezas muito, assistes a todos os exercícios de devoção, a todas as obras de misericórdia, coisa muito louvável; mas és murmurador, vingativo, suspicaz, desconfiado, estás cheio de fel, descuidas das obrigações de teu estado, de tuas leis e de tuas regras; pois desconfia de tuas chamadas virtudes; muito é de temer que sejam falsas. Examina-as bem com frequência, e tem por certo que este

exercício é da maior importância.

São José de Calasanz, Confessor

São José de Calasanz, um dos mais brilhantes ornamentos do clero espanhol e um dos mais célebres patriarcas das religiões que formoseiam o jardim ameno da Igreja, nasceu no dia 11 de setembro de 1556, na vila de Peralta de la Sal, situada no reino de Aragão. Seus pais, dom José Calasanz e dona Maria Gaston, ilustres pela qualificada nobreza, mas muito mais por suas recomendáveis virtudes, criaram o menino conforme as máximas da religião cristã; mas seu belo natural e inclinação à virtude facilitaram mais que tudo o efeito de sua boa educação. Havia-o prevenido Deus com todas as disposições de natureza e graça para os nobres desígnios a que o destinava sua sábia Providência. Seu natural afável, doce e benéfico; seu coração nobre, dócil e generoso; o sumo horror que manifestou ao pecado e a natural propensão aos exercícios piedosos e devotos, que foram os únicos entretenimentos de sua meninice, fizeram conhecer a seus pais o interesse que tinha o céu naquela grande alma, que acreditou desde logo o mais ardente zelo pela honra e glória de Deus. Entre outras muitas provas, aos cinco anos viram com admiração que, tomando em suas débeis mãos uma faca, saiu ao campo com generosa intrepidez, dizendo que ia matar o demônio, porque incitava os homens a que ofendessem a Deus; por cuja antecipada guerra com o inimigo da salvação maquinou este não poucas vezes contra sua vida.

Enviaram-no seus pais a estudar latinidade em Estadilla, povoado a três léguas de Peralta; e em muito breve tempo conciliou o amor de seus mestres e a veneração de seus condiscípulos por sua boa conduta, regulada em tudo pelas leis do trato civil e modéstia cristã. Acompanhado este porte de um desejo ambicioso de saber, fez em humanidades, retórica e poesia conhecidos adiantamentos, e não menores na ciência dos santos. Quiseram aplicá-lo seus pais à milícia, para que renovasse na guerra as gloriosas façanhas de seus predecessores; mas, como José aspirava a outras honras mais sólidas, já resolvido a consagrar-se inteiramente ao serviço de Deus, rogou a seu pai que o deixasse seguir na carreira das letras. Passou à universidade de Lérida a estudar filosofia; e, conhecendo que o tempo dos estudos é ocasião de esfriar o fervor, teve grande cuidado em prevenir este escolho com a oração, com a frequência dos sacramentos, com rigorosas penitências e com sua aplicação a obras de caridade nas horas que lhe deixava o estudo: de sorte que, alternando neste e naqueles exercícios, sem dar lugar às diversões da juventude, fez a um mesmo tempo admiráveis progressos, tanto na virtude como na filosofia e no direito civil e canônico, em que recebeu o grau de doutor com universal aplauso.

Desejava José mais altos conhecimentos em outras ciências maiores, onde se consuma o engenho e se fecunda o entendimento com mais elevadas ideias. Com este objeto, passou a Valência a estudar teologia; e, embora ali não mudasse um ápice de sua regrada conduta, com tudo isso a cega paixão de uma senhora enamorada de sua galharda disposição e de seu formoso, grave e modesto semblante o obrigou, para conservar sua pureza, não só a dar a prova que o antigo José no Egito com a mulher de Putifar, mas outra maior, que foi deixar aquela cidade, trasladando-se à de Alcalá de Henares para continuar o mesmo estudo. Nesta universidade deu em muito breve tempo mostras de seu extraordinário talento e de sua virtude eminente. Os progressos que fez sob

o magistério dos mais sábios mestres daquela célebre academia foram vistos com particular admiração dos próprios preceptores e demais condiscípulos. Em poucos anos deu públicos testemunhos de um homem consumado em filosofia, direito civil e canônico e na sagrada teologia, em cuja faculdade recebeu o grau de doutor com não menor aplauso que aquele em Lérida. Mas o mais prodigioso deste herói foi que nem sua aplicação aos estudos nem a diversidade de suas tarefas puderam jamais esfriar seu fervor nem diminuir sua devoção, refletindo todos, como um milagre visível da graça, que uma saúde tão debilitada como a sua, por toda sorte de maceração, pudesse conciliar tantos exercícios de piedade com tanto estudo. O certo é que José se via tão pontual nas escolas como nos templos; ali fazendo honra a seus mestres, e aqui emulando os anjos no amor e respeito a Deus, sem deixar de fazer muitas conquistas espirituais na cidade com seu zelo verdadeiramente apostólico.

Recebeu as ordens sagradas e a dignidade do sacerdócio da mão do bispo de Urgel, no mês de dezembro de 1583, sendo de idade de 28 anos; cujo ministério desempenhou com aquela pureza e com aquele fervor que cabem num ministro digno do altar, sendo a edificação da Igreja e do povo.

Informado dom André Capilla, bispo de Urgel, das relevantes prendas de Calasanz, crendo-se com maior direito que qualquer outro prelado para valer-se de um ministro tão útil, obrigou-o a aceitar alguns benefícios eclesiásticos e nomeou-o vigário e visitador de Tremp e de seu território, cujo partido abrange setecentas povoações com setenta e duas paróquias. Partiu José a desempenhar seu emprego, achou muito que reformar no clero e muito mais que corrigir no povo e, fazendo mais os ofícios de pai que de juiz, foram as armas de que se valeu para a destruição dos abusos a doçura, a afabilidade, a caridade, a oração e o exemplo, sem usar do rigor senão contra os soberbos e protervos.

Vendo o bispo de Urgel o grande fruto que fazia aquele insigne operário no partido de Tremp, quis empregar seu infatigável zelo em empresa mais árdua e interessante a sua vasta diocese, que se estende dentro dos Pireneus. Os povos incultos e grosseiros daquela jurisdição, criados entre montes e selvas, viviam como feras, entregues a toda classe de excessos: os sacerdotes, possuídos da ignorância e da avareza, desatendiam inteiramente as obrigações de seu ministério: os párocos, constituídos para declamar e corrigir os vícios, autorizavam-nos com seu exemplo. Em vão se opunham os bispos ao cúmulo de tantas desordens com a repetição de seus editos pastorais, pois, desprezando o clero os legisladores e as leis, calcavam aos pés qualquer proibição que se opusesse a seus corrompidos costumes.

A reforma de tanto vício encomendou-se a Calasanz na classe de visitador, o qual, logo que reconheceu a dificuldade da empresa, pensou que devia dar princípio implorando a divina misericórdia sobre aquelas gentes abandonadas. Os gemidos, as orações, os jejuns e as mais rigorosas penitências foram as vítimas com que procurou fazer propício o Onipotente. Revestido daquele zelo santo que constitui o caráter dos varões apostólicos, arrojou-se a tão árdua expedição, sem deixar povoado nem aldeia na vasta extensão daquele país quase inacessível que não visitasse pessoalmente, apesar dos precipícios e iminentes perigos a que expôs sua vida não poucas vezes. Quando se apresentava nos povoados, a uns admoestava como pai, a outros ensinava como mestre e a outros corrigia como juiz, deixando, quando se ausentava, em todas as partes sábios, cristãos e oportunos decretos para que lhes servissem de regra. Não é possível

explicar os trabalhos e penosas fadigas que lhe custou a empresa; mas enfim teve a consolação de ver introduzidos novos costumes cristãos naqueles povoados e respeitadas as ordens de seus prelados, de que antes se fazia total desprezo.

Concluída a visita, deu conta dela ao bispo de Urgel, que rendeu a Deus graças pelos copiosos frutos daquele infatigável operário. E, para que toda a sua diocese tivesse parte em suas sábias determinações, elegeu-o por vigário-geral do bispado quando só contava 34 anos. Aceitou José o novo emprego, desejoso de sacrificar-se no serviço da Igreja; e, portando-se sempre igual em sua justificada conduta, aplicou-se a corrigir os abusos, a reparar as desordens do clero e do povo e a promover o culto divino; obrando com tanta atividade e com tanta prudência que em muito breve tempo se fez o bispado de Urgel o objeto dos mais altos elogios pelo infatigável zelo de seu vigário.

Os louvores e os aplausos com que todos celebravam sua santidade, seu mérito e seu acerto o estimularam a deixar a Espanha, pelo muito que ofendiam sua profunda humildade semelhantes aclamações. Havia alguns meses que ouvia em seu coração uma voz que lhe dizia: «Vai a Roma, vai a Roma», cujos ecos sentia com maior eficácia em meio do fervor das orações e quando com mais rigor afligia seu corpo. Agregou-se a isto uma visão que teve, em que lhe parecia achar-se em Roma rodeado de muitos meninos, a quem instruía nas letras e na doutrina cristã. Consultou o assunto com seu diretor e, aprovada sua determinação, renunciou a seu emprego de vigário com os benefícios eclesiásticos, exceto algumas rendas que reteve para piedosos destinos. E, tendo fundado em Urgel quase a suas expensas um monte pio e outro em Peralta, arranjadas todas as suas coisas, partiu para a Itália em traje de peregrino no ano de 1592.

Logo que chegou a Roma, foi sua primeira diligência visitar, com a devoção e ternura própria de seu espírito, todos os santos lugares que se veneram naquela capital, rogando a Deus com muitas lágrimas que se dignasse manifestar-lhe sua vontade, visto que o desejo de cumpri-la o havia trazido à cabeça do orbe cristão, fazendo a mesma súplica à Santíssima Virgem, em quem, depois de Deus, tinha posta toda a sua confiança. Havia prevenido o bispo de Urgel a chegada de José com a mais expressiva recomendação a seu agente em Roma, o qual era confidente do cardeal Marco Antônio Colonna. Pediu este àquele que se informasse de algum sujeito idôneo para teólogo seu e, mostrando-lhe as cartas do prelado de Urgel, em que lhe fazia ver que era Calasanz uma pessoa qualificada por seu nascimento, por seus empregos, por sua notória ciência e eminente virtude, recebeu-o Sua Eminência na classe de teólogo, com as demonstrações da maior estima. A pouco tempo de seu trato conheceu aquele purpurado que era maior a sabedoria e a santidade de José do que lhe haviam informado. Assim, confiou a seu cuidado os mais graves negócios de seu cargo, a direção de seus dois sobrinhos, filhos do condestável Colonna, e a instrução de sua família; logrando todos, pelo ensino e exemplo de Calasanz, tão conhecidas vantagens que a casa de Colonna chegou a ser o objeto de admiração de Roma, onde nosso herói espanhol era tido por um dos mais hábeis teólogos de seu tempo e por um dos maiores santos de seu século, acreditando ambos os conceitos nas comissões mais árduas que se confiaram a seu cuidado.

Havia-se formado em Roma, depois do santo Concílio de Trento, a venerável irmandade da doutrina cristã, com o objeto de ensiná-la aos meninos, artesãos e jornaleiros nos dias de festa. Alistou-se nela José e, não satisfeito com praticar este ensino nas festividades nas igrejas destinadas a este efeito, fazia-o nos dias de trabalho nas praças e ruas da cidade com tão ardente

zelo que em muito breve tempo se conheceu nos pobres a utilidade de suas infatigáveis tarefas.

Pela experiência que adquiriu o santo nos exercícios ditos, chegou a conhecer a grande necessidade que tinham os meninos pobres de instruir-se nas letras e na doutrina cristã; por cujo defeito se viam muitos ignorar os principais mistérios da fé, envergonhando-se ou não querendo, quando já adultos, aprender o necessário para salvar-se. Lastimado seu piedoso coração com esta pena, embora em Roma advertisse que não faltavam escolas assalariadas, notava que não havia pessoas que se dedicassem graciosamente, por mera caridade, ao ensino dos pobrezinhos nos primeiros importantes rudimentos. Persuadido de que seria muito agradável aos olhos de Deus um instituto que por constituição tivesse tão louvável objeto, empenhou toda a sua atividade e toda a sua eficácia com os corpos e sujeitos mais poderosos da cidade, a fim de que contribuíssem à execução de tão nobre pensamento. Mas permitiu o Senhor que fossem em vão todas as suas diligências, porque reservava para sua pessoa tão digna como utilíssima empresa. As moções contínuas que sentia em seu interior e a lembrança da visão dita que teve em Urgel indicavam-lhe ser esta a vontade de Deus, na qual se confirmou em certa ocasião em que viu uma tropa de meninos que com ações e palavras descompostas lhe fizeram conhecer a necessidade de seu projeto, e ouviu ressoar em seu coração, detido a refletir naquele lastimoso espetáculo, aquelas palavras do Espírito Santo: «A ti se encomendou o pobre, e tu serás o auxílio do órfão.»

Convencido José de que era aquele o fim para que Deus o trouxe à capital do orbe cristão, dedicou-se sem perda de tempo à execução da empresa. Como estava prático nos bairros de Roma, por motivo do cargo de visitador da congregação dos Santos Apóstolos, conhecendo que o do Trastevere era o mais numeroso de meninos pobres, considerou-o mais a propósito para dar princípio a seu projeto. Comunicou o pensamento a dom Antônio Brendoni, íntimo amigo seu, cura de Santa Doroteia, venerável ancião cheio de caridade, que não só o aprovou, mas lhe ofereceu o uso de duas peças, prestando-se a ser seu companheiro em exercício de tanto mérito. O mesmo fizeram dois sacerdotes membros da Irmandade da doutrina cristã, com cuja ajuda abriu as escolas pias em Santa Doroteia no ano de 1597, com aprovação e elogio do papa Clemente VIII.

Não podia olhar com indiferença o inimigo da salvação um estabelecimento de tanta utilidade na Igreja; e, para impedir seus progressos, aplicou todos os artifícios de sua refinada malícia. Desanimou muitos eclesiásticos que concorriam ao ensino, tornando-lhes fastidioso o impertinente ministério. Excitou os mestres-escolas dos quarteirões de Roma a que formassem ásperas queixas contra o santo fundador; mas todas estas diabólicas astúcias só serviram para seu maior crédito, pois, tendo cometido o papa o exame das falsas delações aos cardeais Barônio e Antoniano, com encargo especial de que visitassem as escolas pias para que o informassem de seus progressos, foram tais os elogios que fizeram os dois purpurados do infatigável zelo, da caridade e da paciência de Calasanz e da utilidade de suas escolas que, desprezando Sua Santidade as calúnias, as recebeu sob sua proteção imediatamente.

As incessantes fadigas e contínuas tarefas de tão penoso ensino não impediam a José o empregar-se numa multidão de piedosos exercícios, sem omitir suas acostumadas devoções, jejuns e penitências. Alistou-se nas confrarias das Chagas, da Santíssima Trindade e do Refúgio, em cuja instituição havia tido grande parte, formando seus regulamentos com o cardeal Barônio. Tinham por objeto estes estabelecimentos a assistência dos peregrinos e o socorro de toda classe de

necessitados, e a todos atendia a ardente caridade de Calasanz, praticando os mesmos ofícios nos cárceres, nos hospitais e em muitas outras urgências que ocorreram em Roma em seu tempo. Os que observavam seus passos individualmente não acertavam a compreender como podia acudir a tantas obras piedosas e a tantos encargos tão diferentes. Isto fez formar a Monsenhor Bonet, promotor fiscal no processo de suas virtudes, uma forte dúvida sobre a inverossimilhança de tantos exercícios a um tempo; mas as provas eram tão óbvias que foi coisa gloriosa para nosso santo a dissolução deste reparo com a contraposição de sua ardente caridade e infatigável zelo, que o tinham em movimento contínuo de dia e de noite, sem descansar um só momento em muitas delas.

Sucedeu na cátedra apostólica ao papa Clemente VIII, no ano de 1606, o cardeal Borghese, sob o nome de Paulo V, tão grande protetor das escolas pias que se chamaram paulinistas seus professores. Tentaram no princípio de seu pontificado os êmulos de Calasanz renovar suas calúnias; mas não tiveram outro efeito que o nomear Sua Santidade um cardeal de autoridade e reputação para que as protegesse, manifestando em seu breve de 25 de março de 1607 haverem sido instituídas, sendo Deus o autor. E, para dar a José um testemunho de sua estima, quis condecorá-lo com o chapéu cardinalício, ainda que suas lágrimas e humildes rogos puderam alcançar de Sua Beatitude que o exonerasse da dignidade, pois seu coração, revestido de pobreza evangélica, estava muito distante de apetecer honoríficos empregos, como o tinha acreditado nas renúncias antecedentes das prebendas e bispados que lhe ofereceu na Espanha o rei Filipe III.

Quis o santo fundador que se aperfeiçoasse seu estabelecimento em congregação perpétua e, propondo seu pensamento a Paulo V, logrou este indulto por seu breve de 6 de março de 1617, prevenindo nele Sua Santidade que se chamasse congregação paulina da Mãe de Deus das escolas pias; que a profissão se fizesse com votos simples de pobreza, castidade e obediência; que Calasanz fosse prepósito-geral dela durante o tempo de sua vontade, dando-lhe faculdade para que fizesse os estatutos e regulamentos oportunos sob a proteção da Santa Sé. Vestiu em nome do papa o cardeal Giustiniani, em seu palácio, o santo patriarca com o hábito que elegeu para sua ordem; e naquele ato despiu-se do apelido do século e tomou o sobrenome da Mãe de Deus. Fez sua profissão no ano seguinte e, dando nela o último complemento de sua renúncia a todos os bens da terra, resignou em eclesiásticos pobres os benefícios que reservou na Espanha e distribuiu os bens paternos entre miseráveis e encarcerados, contentando-se com sair de porta em porta a pedir esmola para manter-se com os de sua congregação e para prestar aos meninos os auxílios acostumados.

Significou-lhe o cardeal protetor que era vontade do papa que formasse as constituições para sua congregação; retirou-se com este fim à casa que fundou em Narni por ordem do mesmo purpurado; dispôs-se para isso com quarenta dias de exercícios espirituais para implorar a assistência do Espírito Santo, por cuja inspiração escreveu os mais sábios e proveitosos regulamentos. Morreu a esse tempo Paulo V; chegou a Narni o cardeal Ludovisi, arcebispo de Bolonha, que passava ao conclave e, sabendo que se achava José naquela cidade, como já o conhecia anteriormente e tinha formado tão alto conceito de sua eminente santidade, quis hospedar-se em sua casa para desfrutar de sua amável conversação. Profetizou-lhe o santo que seria eleito sumo pontífice e rogou-lhe encarecidamente que protegesse sua congregação. Cumpriu-se o vaticínio pontualmente, tomando o cardeal o nome de Gregório XV; e, desejoso de

dar a José uma prova autêntica de sua estima, além de querer condecorá-lo com a púrpura para ter a seu lado um santo, de cuja dignidade se escusou com humílimos rogos, elevou ao grau de religião sua congregação paulina, com supressão desta denominação, por seu breve apostólico de 1621, concedendo-lhe todos os indultos, graças e privilégios que gozam as demais religiões. Aprovou por outro de 31 de janeiro de 1632 com os mais altos elogios as constituições formadas por José; e por outro de 24 de abril do mesmo ano o constituiu geral por espaço de nove anos, assinalando-lhe quatro assistentes-gerais para o governo da ordem.

O novo caráter a que se elevaram as escolas pias e as grandes utilidades que cada dia resultavam delas fez que em toda parte solicitassem a competência os sujeitos da mais alta esfera seu estabelecimento. Embora ao servo de Deus custassem tantas fadigas e tantos desvelos, quis o Senhor dar-lhe a consolação de vê-las estendidas no Estado pontifício, na Sicília, no reino de Nápoles, em Veneza, na Lombardia, na Toscana, na Polônia, no Piemonte, na Hungria, na Boêmia e em toda a Alemanha; confessando ingenuamente numa carta que escreveu ao padre Melchior Alanchi que, se se achasse com dez mil religiosos, poderia repartir todos num mês nas partes que lhos pediam com grandíssimas instâncias.

Embora o coração de José se achasse cheio de gozo, dando a Deus repetidíssimas graças pelas bênçãos que lançava sobre seu caritativo estabelecimento, quis o Senhor purificar aquela grande alma com o fogo da mais terrível tribulação e aumentar por este caminho muitos graus a seus méritos. Seria necessária uma relação dilatadíssima para referir individualmente o ocorrido nesta prova, da qual só daremos alguma ideia. Um filho da mesma ordem, chamado Mário Sozzi, díscolo por natureza, um daqueles homens perversos que Deus permite no mundo para exercício dos bons, desterrado de Roma por seu indigno porte, soube enganar com seu aparente zelo em assuntos de fé de tal sorte o inquisidor de Florença que, voltando a Roma com a mais expressiva recomendação daquele ministro, fulminou tais calúnias contra seu santo pai ante o assessor do Santo Ofício que, por ordem deste, foi conduzido preso Calasanz à Inquisição pelas ruas públicas da cidade, que se consternou à vista de tão inopinado sucesso. Embora José se purificasse em termos que fez demonstração de que nem sequer tinha notícia dos delitos imputados, pelo que se o devolveu a sua casa em carruagem pelos mesmos lugares por onde foi conduzido como réu, com tudo isso logrou o perseguidor com seus artifícios, a pretexto de que era necessário tempo para justificar suas delações, que se o suspendesse do emprego e que se nomeasse um visitador-geral de distinta ordem. O primeiro em quem recaiu esta comissão foi o padre dom Agostinho Ubaldini, da congregação somasca, que, não podendo sofrer as iniquidades de Mário, viu-se na precisão de renunciar ao emprego. Logrou o perseguidor que se nomeasse o padre Silvestre Pietrasanta, sujeito adicto a suas perversíssimas ideias; com cujo motivo carregou sua ambição com todo o governo da ordem, como primeiro assistente. Falava-lhe José de joelhos com o maior respeito; mas o pérfido filho, desprezando a venerável pessoa de seu santo pai, tratava-o de hipócrita, de soberbo e de embusteiro, até dizer-lhe que o enviaria a morrer numa galera. Sentiam na alma seus filhos a tribulação do patriarca; só ele estava alegre, porque padecia por Jesus Cristo, sem cuidar de sua defesa. Mas, tomando-a Deus por ele, cobriu o caluniador de pés a cabeça com uma tão horrível lepra que o privou até da forma humana, exalando um fedor tão fétido que não podiam tolerá-lo por brevíssimo tempo seus próprios confidentes, de cujo mal morreu desgraçadamente.

Não sossegou a tempestade com a morte daquele infeliz: sucedeu-lhe o padre Estêvão Cherubini no emprego, secuaz de seus iníquos pensamentos, o qual, com o visitador Pietrasanta e outros díscolos, conspirou à destruição das escolas pias; ao que se inclinou o papa Inocêncio X, à força dos falsos informes dos perseguidores. Já se deixa discorrer o sentimento que causaria em José a degradação de sua ordem, que lhe custou tantos trabalhos e tão penosas tarefas. Sofreu como outro Jó aquela desgraça, expressando-se com os mesmos ecos que o antigo: «Deus o deu, Deus o tirou, seja o nome de Deus bendito.» Teve algum consolo ao ver que todos os corpos políticos e eclesiásticos da Itália, com as pessoas da mais alta esfera, interpuseram seus rogos junto a Inocêncio, a fim de que revogasse sua determinação, manifestando-lhe as grandes utilidades que se experimentavam em toda parte com as escolas pias. Não tiveram por então efeito aquelas recomendáveis súplicas. Com tudo isso, profetizou José a seus filhos, que estavam inconsoláveis, que dentro de breve tempo veriam reintegrado o estabelecimento nos mesmos termos honoríficos a que o elevou a Santa Sé; cujo vaticínio se cumpriu à letra nos pontificados imediatos de Alexandre VII e Clemente IX, sucessores de Inocêncio, restituindo-a o primeiro no ano de 1656 ao grau de Paulo V, e o segundo, no de 1669, ao que a sublimou Gregório XV.

Havia já algum tempo que costumava dizer a seus filhos o santo patriarca, quando se condoíam de seus trabalhos: «Esperai o agosto, e o que Deus permitirá.» Como dizia estas palavras com certo ar de alegria, esperavam algum sucesso propício à ordem; mas o profeta falava de sua morte. Quis no dia 21 de julho ir com os pés descalços à igreja de São Salvador a conseguir as muitas indulgências concedidas nela pelos sumos pontífices. Voltando a casa, tropeçou tão fortemente numa pedra que, ferido gravemente o dedo polegar do pé direito, foi lançando sangue toda a rua; e numa máquina tão debilitada como a sua comunicou-se a dor facilmente. Despertou-se-lhe no princípio de agosto a acostumada incomodidade do excessivo calor do fígado. Não fizeram da primeira vez muito caso os médicos da novidade, prometendo-se pronta cura. Só temeram que fosse mortal a enfermidade quando a dor chegou a ser tão veemente que deu a conhecer o paciente quanto tolerava. Instruído com luz superior de que estava próximo seu fim, dispôs-se a pagar o tributo imposto aos mortais com as preparações próprias de um espírito todo abrasado no amor de Deus. Recebeu os últimos sacramentos com tanta edificação que moveu a ternas lágrimas todos os concorrentes. Tendo sofrido com indizível paciência o excesso de suas dores até o dia 25 de agosto, dando exemplo de resignação com a vontade divina e fixando, já entrada a meia-noite daquele dia, os olhos no céu, levantou o braço direito em ademã de abençoar seus filhos e, dizendo três vezes «Jesus», expirou tranquilamente no dito dia do ano 1648, aos noventa e dois de sua idade. Seu rosto ficou tão aprazível e tão sereno como se estivesse num doce sono, e seu venerável corpo despediu um odor tão maravilhoso que excedia ao das mais requintadas essências.

Quando chegaram a despi-lo seus filhos, acudiu com a mão direita a cobrir a nudez vergonhosa; e, querendo removê-la para prosseguir o piedoso ofício, acudiu o defunto com a esquerda, ensinando-lhes que, mesmo estando morto, era zeloso daquele pudor com que havia custodiado toda a sua vida intacta sua virgindade. Puseram-no no féretro, e foi tanta a multidão de concorrentes a tributar-lhe veneração que, não bastando as prevenções tomadas pelos religiosos, foi necessário que o papa enviasse uns soldados de sua guarda. Em todo o âmbito do templo não se ouviam outras vozes que «Morreu santo», ou aclamações de algum milagre, sendo muitos os que obrou o Senhor em confirmação da glória de seu fidelíssimo servo. Deu-se-lhe sepultura na igreja de São

Pantaleão, a porta fechada, com as devidas formalidades, em presença de alguns distintos personagens que puderam ser admitidos ao reconhecimento do corpo, que se achou com uma prodigiosa flexibilidade.

Apenas havia passado um ano de seu precioso trânsito quando, com aprovação do mesmo Inocêncio X, se começaram os processos informativos sobre suas virtudes heroicas e autênticos milagres; os quais, resultando plenamente justificados, o declarou beato o papa Bento XIV, em 7 de agosto de 1748. E depois celebrou sua canonização com magnificência na basílica Vaticana Sua Santidade Clemente XIII, no dia 16 de julho de 1767.

A Transverberação do Coração de Santa Teresa de Jesus, Virgem

Entre as inumeráveis virtudes que resplandeceram em Santa Teresa de Jesus, virgem sábia de Jesus Cristo e esposa regalada sua, naquela em que mais brilhou foi no amor e caridade que teve a seu Esposo, e em que foi correspondida com uma fineza propriamente divina. Desde os primeiros anos de sua infância propôs-se manifestar em suas ações que era verdadeira esposa de Jesus Cristo e, com o caráter de tal, empreendeu tão grandes obras que causam admiração. Todas as circunstâncias que pede o santo Evangelho para constituir uma digna esposa do Esposo das virgens as reduz a ter prevenido azeite com que cevar as lâmpadas e sair com elas acesas a receber o Esposo. Significam-se nas lâmpadas, segundo o padre Santo Agostinho, as boas obras, e no azeite a caridade que deve alimentá-las; pois sem esta, segundo São Paulo, nada é de proveito aos olhos de Deus. Esta mesma condição pôs nosso Deus no Cântico dos Cânticos como a principal e primeira de que devia estar adornada sua esposa, quando, ao começar a descobrir suas perfeições, lhe disse: «Irmã minha, esposa, teus peitos são mais formosos e deleitáveis que o vinho mais generoso e puro»; isto é, estão cheios do leite da caridade: num depositas o amor de Deus sobre todas as coisas criadas, e no outro um amor verdadeiro a teu próximo; por isso és a meus divinos olhos formosa e deleitável, ainda que a ti te pareça, por tua contrição e humildade, que estás negra e tostada do sol. Mal tinha Teresa idade para conhecer a Deus nem madureza que pudesse sujeitar as ternuras de sua puerícia, quando, adiantada aquela alma grande, obrava em matéria de caridade ainda mais do que se podia presumir de suas forças. Convertida toda aquela delicada pequenez em vontade e em ardores de amor, não parece que vivia nela outra coisa que caridade, nem sentia mais que caridade, nem se via em suas obras outra coisa que amor a seu Deus. Na estreiteza daqueles donosos e delicados membros coube um espírito verdadeiramente forte para intentar dar sua vida por seu Esposo, que é o extremo maior a que pode chegar a caridade. Sete anos tinha esta gloriosa santa quando, fugindo da casa de seus pais em companhia de um irmãozinho seu, pôs-se a caminho desprovida de todo humano auxílio, com o projeto de chegar à terra dos mouros e ali padecer um glorioso martírio pela fé de seu Esposo. Esta ação denota claramente as copiosas bênçãos com que a divina graça a havia prevenido para ser o teatro onde exercesse todas as suas funções uma grande caridade.

A poucos passos conheceu a santa que não podia verificar-se o desejo de ser mártir; mas imediatamente meditou mil meios oportunos de dar a seu Esposo multiplicados os bons ofícios: a oração contínua, os frequentes jejuns e muitos gêneros de mortificação apagaram em parte a fome que tinha seu generoso espírito de padecer por seu Deus. Solicitou de seu pai que a encerrasse num mosteiro de virgens e, constituída entre elas, tinha seu Esposo como ramalhete de mirra entre seus peitos, gostando do suavíssimo odor de seus colóquios e sofrendo a amargura de vê-lo padecer o orvalho e a geada de sua paixão sangrenta. Não se contentava com isto o ardente amor de tão verdadeira esposa; sabia que gostava o Esposo de que cheirassem bem seus vestidos e de que sua fragrância fosse como a respiração e hálito de um paraíso cheio de romãzeiras, macieiras, ciprestes, nardo, cinamomo e outras mil saborosas e cheirosas plantas. O bom odor de todas as virtudes, singularmente do amor, exalava de sua alma pura e a fazia exclamar ao divino Esposo: «Toda és formosa, esposa minha, pomba minha, e não há em ti mancha de vício algum.» Que não sofreu por estender mais e mais a honra e a glória de Jesus Cristo? Este desejo a trouxe por largos caminhos quase dezesseis anos, cruzando a Espanha, sofrendo frios, calores, águas, inclemências, desprezos, pobreza, perseguições e todo gênero de penalidade, para fazer a seu Esposo dignos retiros de delícias onde pudesse descansar entre mil almas de virgens santas. Este desejo, nascido do amor, deu-lhe valor para empreender dificuldades superiores ao peito mais varonil e para caminhar como entre flores entre os desprezos e ultrajes mais sensíveis. Este amor foi quem lhe fez florido o campo da tribulação e fez que não se desdenhasse de ser reputada por enganadora, hipócrita e feiticeira. Sem embargo disto, parecia à santa que nada fazia por Deus; e assim dizia, com uma humildade em que se vê ao mesmo tempo sua caridade: «A maior coisa que eu ofereço a Deus por grande serviço é que, sendo-me tão penoso estar apartada dele, quero por seu amor viver. Isto quereria eu que fosse com grandes trabalhos e perseguições; já que não sou para aproveitar, quereria ser para sofrer.» O excessivo amor que tinha a seu Esposo a faz falar desta maneira. A fundação de dezesseis conventos de virgens é nada em sua estima; nada é o vencimento de tanto magistrado, nobre, plebeu e de todo o poder do inferno; nada é o generoso sofrimento das mais negras calúnias até tê-la encarcerada o santo tribunal da Inquisição; nada é o discernimento de espíritos, ter em sua mão as chaves da saúde e da morte, registrar os fatos dos tempos futuros com mais clareza que os dos passados e mandar despoticamente nos ânimos mais contumazes para que obedecessem ao celestial Esposo. O amor que lhe tinha lhe fazia parecer nada quanto obrava por seu serviço. Tinha-o sempre entre seus braços sem soltá-lo, introduzindo-o no retiro de seu coração, onde lhe tinha preparado um divino leito. Adornada de todas as joias das virtudes teologais e cardeais, formoseada com as flores dos dons do Espírito Santo, vestida de inocência, apresenta-se ao divino Esposo toda formosa, toda bela, toda agradável e mais resplandecente que o sol coroado de estrelas.

Um amor tão aceso não podia deixar de ter a correspondência devida da parte de Jesus Cristo. De duas maneiras costuma o Senhor regalar e favorecer as almas que se prezam de ser suas esposas: uma, por meio de amarguras e trabalhos; e outra, enchendo-as de gozos e suavidades extraordinárias. Ao santo Tobias e a Jó regalou de uma e outra maneira na lei antiga, e a São Paulo também na lei de graça. «Porque eras aceito a Deus», disse o arcanjo ao primeiro, «foi necessário provar-te com trabalhos»; e ao segundo arrebatou até o terceiro céu, sem poupar-lhe por isso cárceres, açoites, naufrágios e por último o morrer degolado. De uma e outra maneira regalou também a Santa Teresa; mas o que mais se celebra neste dia foram aquelas doçuras, aquelas visões extraordinárias em que lhe revelava os segredos mais escondidos. Numa ocasião, apareceu-

lhe o mesmo Jesus Cristo e, dando-lhe sua mão direita e um cravo que tirou de sua chaga, tomando-a por sua esposa, disse-lhe estas palavras: «Daqui por diante, como verdadeira esposa minha, zelarás minha honra, porque já eu sou todo teu e tu toda minha.» A este teor lhe fazia regalos inefáveis, que expressa a santa por estas palavras no capítulo 29 de sua vida: «Quase sempre se me representava o Senhor assim ressuscitado, e na hóstia o mesmo; senão que eram algumas vezes, para esforçar-me se estava em tribulação, que me mostrava as chagas algumas vezes na cruz e no horto, e com a coroa de espinhos poucas, e levando a cruz também algumas vezes para, como digo, necessidades minhas e de outras pessoas; mas sempre a carne glorificada.» Mas onde manifesta o aceso de seu amor e o sumo regalo que Deus lhe fez, e celebra nossa Mãe a Igreja na festividade deste dia, é nas seguintes palavras do mesmo capítulo:

«Oh, que é ver uma alma ferida! Que digo que se entende de maneira que se pode dizer ferida por tão excelente causa, e vê claro que não moveu ela por onde lhe viesse este amor, mas que do muito grande que o Senhor lhe tem parece caiu de pronto aquela centelha nela que a faz toda arder. Oh, quantas vezes me lembro, quando assim estou, daquele verso de Davi: *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum*: que me parece vê-lo ao pé da letra em mim. Quando não dá isto muito rijo, parece que se aplaca algo (ao menos busca a alma algum remédio, porque não sabe que fazer) com algumas penitências, e não se sentem mais, nem faz mais pena derramar sangue do que se estivesse o corpo morto. Busca modos e maneiras para fazer algo que sinta por amor de Deus; mas é tão grande a primeira dor que não sei eu que tormento corporal a tirasse; como não está ali o remédio, são muito baixas estas medicinas para tão subido mal; alguma coisa se aplaca, e passa algo com isto, pedindo a Deus que lhe dê remédio para seu mal, e nenhum vê senão a morte, que com esta pensa gozar de todo de seu bem. Outras vezes dá tão rijo que isso nem nada não se pode fazer, que corta todo o corpo, nem pés nem braços não pode mover; antes, se está em pé, se senta como uma coisa transportada que não pode nem sequer resfolegar, só dá uns gemidos, não grandes, porque não pode, mas o são no sentimento.

«Quis o Senhor que visse aqui algumas vezes esta visão: via um anjo perto de mim, do lado esquerdo, em forma corporal, o que não costumo ver senão por maravilha; embora muitas vezes se me apresentem anjos, é sem vê-los, mas como a visão passada que disse primeiro. Nesta visão quis o Senhor que o visse assim: não era grande, mas pequeno, formoso muito, o rosto tão aceso que parecia dos anjos muito subidos, que parece todos se abrasam, devem ser os que chamam serafins, que os nomes não mos dizem; mas bem vejo que no céu há tanta diferença de uns anjos a outros, e de outros a outros, que não o saberia dizer. Via-lhe nas mãos um dardo de ouro comprido, e no fim do ferro me parecia ter um pouco de fogo. Este me parecia meter pelo coração algumas vezes e que me chegava às entranhas; ao tirá-lo me parecia que as levava consigo e me deixava toda abrasada em grande amor de Deus. Era tão grande a dor que me fazia dar aqueles queixumes, e tão excessiva a suavidade que me põe esta grandíssima dor que não há desejar que se tire, nem se contenta a alma com menos que Deus. Não é dor corporal, mas espiritual, ainda que não deixa de participar o corpo algo, e até bastante. É um galanteio tão suave que passa entre a alma e Deus que suplico eu a sua bondade que o dê a provar a quem pensar que minto. Os dias que durava isto, andava como embobada: não quisera ver nem falar, mas abraçar-me com minha pena, que para mim era maior glória que quantas há em todo o criado. Isto tinha algumas vezes, quando quis o Senhor que me viessem estes arrebatamentos tão grandes que, estando entre gentes, não os podia resistir, mas com bastante pena minha se começaram a publicar. Depois que

os tenho, não sinto esta pena tanto, mas a que disse em outra parte antes (não me lembro em que capítulo), que é muito diferente em bastantes coisas e de maior apreço; antes, em começando esta pena de que agora falo, parece que arrebata o Senhor a alma e a põe em êxtase, e assim não há lugar de ter pena nem de padecer, porque vem logo o gozar. Seja bendito para sempre, que tantas mercês faz a quem tão mal corresponde a tão grandes benefícios.»

Esta relação da santa, posta por extenso, explica com maior clareza que a que cabe em humano discurso o favor inefável que celebra a Igreja neste dia e, ao mesmo tempo, o alto grau a que subiu o amor que tinha Teresa a Deus. Como esta seráfica doutora deu tanto lustre à Espanha, explicando o amor em que chegam a acender-se as almas verdadeiramente caritativas, sendo suas obras o mais precioso compêndio de teologia mística que se pode desejar, era justo que se celebrasse aquele favor principal que encheu sua alma de tão sublimes ideias. Este foi sem dúvida o que a santa refere nas palavras alegadas, favor que era celebrado, muito tempo havia, pela religião dos carmelitas, os quais, juntando a um mesmo tempo o respeito e veneração de sua santa madre com a devida gratidão ao Deus de misericórdias, celebravam um e outro com particular festividade. No ano de 1726 solicitou o rei católico que esta festa se estendesse a toda a Igreja da Espanha. Para este efeito dirigiu suas humildes súplicas ao papa Clemente XII em carta particular apresentada pelo cardeal Belluga; e, tendo examinado a congregação dos Ritos este negócio com sua acostumada madureza, sendo relator o referido cardeal, foi de parecer que o ofício aprovado pela congregação de carmelitas descalços da Espanha se podia rezar por todos os seculares e regulares que estão obrigados às horas canônicas. Em consequência disto, o santo padre condescendeu gostoso em que toda a Igreja da Espanha celebrasse esta festividade da Transverberação do coração de Santa Teresa de Jesus, e para isso deu seu decreto em 11 de dezembro de 1733.

Martirológio Romano

Em Cápua, a festa de São Rufo, bispo e mártir, de família patrícia, que foi batizado com toda a sua família por São Apolinário, discípulo de São Pedro.

No mesmo povoado, São Rufo e São Carpóforo, mártires, que padeceram sob o poder de Diocleciano e Maximiano.

Em Tomes, no Ponto, São Marcelino, tribuno, Santa Mâmea, sua mulher, e seus filhos São João, São Serapião e São Pedro, mártires.

Na Sicília, em Lentini, Santa Eulália, virgem, que, por ser cristã, foi degolada por seu irmão Sermiliano e foi reunir-se a seu celestial esposo.

No dito dia, Santa Antusa, a jovem, que, tendo sido lançada num poço pela fé de Jesus Cristo, achou assim a coroa do martírio.

Em Bérgamo, São Narno, que foi batizado por São Barnabé e ordenado pelo mesmo apóstolo primeiro bispo da mesma cidade.

Em Arles, São Cesário, bispo, de admirável santidade e piedade.

Em Autun, São Siágrio, bispo e confessor.

Em Pavia, São João, bispo.

Em Lérida, na Espanha, São Licério, bispo.

Na Tebaida, São Poemen, anacoreta.

Em San Severino della Marca de Ancona, Santa Margarida, viúva.

Em Sens, São Ebes, bispo.

Em Bourges, o venerável Gilberto Nicolai, franciscano da Observância, mais conhecido com o nome de Gabriel Maria, co-instituidor da ordem das dez Virtudes.

Na África, os santos mártires Isaac e Maximiano. Em Potenza, na Lucânia, hoje Basilicata, os santos mártires Arôncio, Félix, Sabiniano e Honorato, que receberam a coroa imortal sob o poder do juiz Valeriano.

Em Constança, nas margens do Reno, o beato Gebardo, bispo.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui illibata præcordia beatæ virginis Teresiæ sponsæ tuæ igneo jaculo transfixisti, et charitatis victimam consecrasti, ipsa interveniente, concede, ut corda nostra ardore Sancti Spiritus ferveant, et te in omnibus super omnia diligant. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, que traspassastes com um dardo de fogo as entranhas puras da bem-aventurada virgem Teresa, vossa esposa, e a consagrastes vítima de caridade, concedei-nos, por sua intercessão, que nossos corações fervam no ardor do Espírito Santo e vos amem em tudo sobre todas as coisas. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios, e a mesma do dia XII, pág. 261.

2 Coríntios 10,17-18; 11,2

> **Latim:** [17] Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. [18] Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. [2] æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: [17] Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. [18] Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. [2] porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Reflexões

Ao ouvir as obras maravilhosas que executou a divina Onipotência com seus escolhidos, enchemo-nos de uma santa admiração e como que quereríamos ser participantes daqueles grandes dons que nos surpreendem. O bem é amável por si mesmo, arrebata nossos afetos; e, quando é de uma espécie tão singular que proporciona o logro da felicidade eterna a que naturalmente aspira todo racional, excita mais poderosamente nossos desejos e ânsias. Não há dúvida de que, ao ver uma santa virgem tão favorecida de Deus, que parece ter nela todas as suas delícias, acreditando-o com os favores mais sublimes, uma santa emulação se apodera de nosso coração, e lá no interior de nossa alma exclamamos frequentemente: «Oh, quem fora como esta santa!» Mas ao mesmo tempo nossas paixões exaltadas e um amor criminoso que temos às coisas do mundo nos propõem uma multidão de impossíveis, cujo vencimento se nos figura obra superior ao poder humano. Pensamos erradamente que, para lograr os favores que recebeu de Deus Santa Teresa, devemos ter todas as suas circunstâncias, e até seu nascimento e seu sexo se nos figuram condições indispensáveis. A falta de reflexão pode ser a única causa destas equivocadas ideias; porque, se se medita quanto tem dito o Espírito divino nas sagradas Escrituras, achar-se-á que Deus não faz acepção de pessoas, que para sua divina Majestade são indiferentes todos os nascimentos, os sexos e as idades, e finalmente que só a virtude é a que estimula a executar suas maravilhas.

Na epístola deste dia escreve São Paulo aos Coríntios, depois de lhes haver recomendado o preço da virgindade na epístola primeira, quão facilmente podiam aspirar à glória desta sublime virtude. Ensina-lhes como todos os fiéis que cumprem os divinos preceitos são na estima de Deus como outras tantas virgens castas que se desposam com Jesus Cristo. Esta verdade se confirma com a

noção que temos da santa Madre Igreja, da qual não se pode duvidar que é uma virgem puríssima que no altar da cruz saiu do lado de Jesus Cristo, subindo ao mesmo tempo à dignidade de esposa sua. Esta Igreja não é outra coisa que a congregação dos fiéis unidos entre si com o vínculo da fé. Nesta congregação faz-se preciso que haja indivíduos de todos os estados, idades e sexos; mas a fé, a lei e a prática das virtudes os faz a todos participantes em particular daquelas qualidades soberanas que tem o corpo em comum. Portanto, cada um dos fiéis pode aspirar justamente a todos os direitos que tem a esposa de Jesus Cristo, a pretender seus regalos e a esperar suas misericórdias. Mas tudo isto não se pode lograr sem aspirar ao mesmo tempo a um grau sublime de perfeição. Tu, cristão, que admiras os favores inefáveis com que regalou o Cordeiro imaculado a sua esposa Teresa e que dentro de teu coração adverte uns santos desejos de chegar a ser tão ditoso, fixa tua vista na vida admirável da santa madre; examina uma por uma todas as suas virtudes, procura retratá-las com tuas obras e não duvides de que o Pai de misericórdias satisfará teus desejos. Deus sempre é o mesmo, sua justiça é invariável, tem prometido dar a cada um segundo suas obras; o único de que podes necessitar é da divina graça, a qual está pronta; em ti, pois, consiste o chegar a ser feliz e ter a sorte dos santos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo do dia XII, pág. 263.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite

consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Das causas por que não amamos a Deus como devemos

Primeiro ponto

Considera que, sendo Deus tão amável por si mesmo que não somente a graça, mas a própria natureza estão fazendo uma secreta força para que todos o amem, com tudo isso se encontram tão poucos homens que empreguem seus afetos neste bem infinito, não por outro motivo senão porque não o consideram nem tentam descobrir suas perfeições. Esta inação, ou antes perfídia, deixa a alma do cristão em umas trevas tão espantosas que, à maneira de um cego, anda vagando por todos os bens criados sem encontrar em todos eles outra coisa que precipícios.

Semelhante cegueira é a mais digna de compaixão e necessita um pronto remédio, de onde nascem todas as forças da alma. Este não é outro que a contemplação contínua dos divinos atributos, na qual, como num forno aceso, se aquece a alma e chega a penetrar-se do fogo da caridade. Todos os santos que usaram deste meio, adverte-se que foram sumamente amantes de Deus, porque é impossível que chegue o entendimento a encher-se perfeitamente das perfeições de um bem sem que chegue a enardecer a vontade. A contemplação de Deus fez em Abraão um amante seu tão fervoroso e verdadeiro como se viu na terrível prova que executou Deus por si mesmo. Manda-lhe sacrificar um filho que era o fruto de repetidas lágrimas e de orações contínuas; um filho unigênito, que o mesmo Deus sabia ser amado ternamente de seu pai; manda-lhe que o sacrifique por sua mão, e isto num monte para onde tinha que fazer o caminho de três dias; e com todas estas circunstâncias deleita-se em provar o amor que o santo patriarca podia haver tirado somente de contemplar as perfeições divinas. Porque, se não, como era possível que tivesse tido valor para obedecer com tal prontidão a um preceito tão terrível? A mesma contemplação produziu aqueles ternos afetos que se viram em São João evangelista e aquele valor assombroso com que São Paulo falava de sua caridade. Ao primeiro reclina Jesus Cristo sobre seu peito, manifesta-lhe os segredos escondidos e confia-lhe a custódia de sua mesma Mãe. O segundo diz aos romanos (cap. 8): «Quem será capaz de separar-me do amor de Cristo?» E aos coríntios atreve-se a assegurar

que a vida que tem não é sua, nem aquele que vive, Paulo, mas que Jesus Cristo era o que vivia nele. Efeitos tão portentosos não se produzem senão numa alma ilustrada com as claras luzes da sabedoria, que manifesta a grandeza de Deus e a amabilidade de suas divinas perfeições. Por isso diz Santo Agostinho (*Solil.*, cap. 6): «Qualquer, ó Senhor, que chega a conhecer-te, ama-te e esquece-se de si mesmo; ama-te mais que a si mesmo e deixa tudo o que é para poder-se levar a ti.» Nem pode ser outra coisa; porque como é possível chegar a conhecer aquela imensidade de bens infinitos, aquela formosura perfeitíssima, aquele cúmulo de preciosíssimas riquezas, aquela fonte inesgotável de delícias, sem que a alma se acenda num ardente desejo de amar tanto bem e de gozar tanta formosura e deleite? Logo a causa de não amar a Deus como se deve é a falta de conhecimento; consiste em não refletir sobre as divinas perfeições; numa palavra, não amamos a Deus porque estamos possuídos de uma lastimosa cegueira que nos impede vê-lo conforme é. Suposto que está descoberta a causa de tão funesto mal, fácil coisa é aplicar o remédio conveniente, que é a contemplação das divinas perfeições.

Segundo ponto

Considera que, embora a causa de não amar a Deus como vemos que o amaram os santos, olhada em sua origem, seja a falta de contemplação da bondade infinita, não é motivo menos funesto a ingratidão de nosso coração, pelo que, apartando os olhos dos infinitos benefícios que nos tem feito e nos faz cada dia, não sabemos outra coisa senão ser-lhe ingratos.

São João evangelista, em sua epístola primeira, propõe duas causas poderosíssimas para que nosso coração se desfaça em afetos de amor de Deus; a primeira é o amor que o próprio Deus nos teve, e assim diz: «Amemos a Deus, irmãos, porque ele nos amou a nós primeiro.» Esta razão é tão sumamente poderosa que, se a considerassem os homens dignamente, envergonhar-se-iam de sua ingratidão e confundir-se-iam na divina presença. Porque considera, ó cristão, quem ama e qual é o objeto de seu amor. Ama-te teu Deus, teu criador, teu remunerador, um ser infinito e imenso que não necessita de ti nem para sua felicidade nem para sua glória. Ama-te um Deus que seria tão infinitamente grande e venturoso sem tua existência como o foi antes da formação dos séculos. Ama-te um Deus em cuja presença os céus e a terra, o sol, a lua, as estrelas do firmamento e até os próprios espíritos celestiais são como se não fossem, e este Deus te ama a ti; a ti que, entre todas as criaturas, és das mais desprezíveis pela corrupção de tua natureza e por tantos males a que te sujeitou tua mesma prevaricação; ama-te a ti, que és pó e cinza, que foste concebido em miséria e que, à maneira do feno e da flor do campo, um leve sopro de vento te voltará a teu antigo nada; ama-te a ti, enfim, homem ingrato, criatura desconhecida, que de tantas maneiras irritaste suas iras e mereceste os castigos extremos de sua justiça.

Esta consideração é poderosa sem dúvida para excitar o amor num peito que não seja de bronze, e como tal a propunha São João a seus discípulos. Mas não é menos poderosa a que se contém nas palavras do capítulo 3, que dizem: «Considerai, irmãos, quão grande foi o amor de Deus para conosco, que quis sua dignação não somente que nos chamemos filhos de Deus, mas que o sejamos em realidade.» Considera, cristão, qual seria teu gozo e quão grande reputarias tua fortuna se, sendo um pobre miserável, visses que te adotava por filho, não já um cavaleiro ou um

grande, mas teu mesmo rei, fazendo-te herdeiro de sua coroa e seu cetro; sem dúvida alguma este seria um bem muito maior que todas as tuas esperanças e superior a todo o teu agradecimento. Quanta diferença há de um homem, ainda que seja um príncipe, a um Deus infinito, e quanta distância de adoção a adoção e de uns bens temporais a um reino eterno! Sim, cristão, Deus te tem adotado por filho, te tem prometidos todos os seus bens, te fez irmão de Jesus Cristo e te deu em arras toda a plenitude de suas graças e dons depositados nos sacramentos. Que ingratidão não é preciso que seja a tua e que dureza a de teu coração para manifestar-te insensível a tamanhos benefícios! Conhece, pois, que esta é uma coisa funesta que te aparta do amor de teu Deus, e espera que, apenas sair de tua alma a ingratidão, será imediatamente substituída pela caridade.

Jaculatórias

> *Præbe, fili mi, cor tuum mihi, et oculi tui vias meas custodiant.* Pr 23.

Eu sei, Senhor, que estais clamando continuamente e dizendo-me: «Dá-me teu coração, filho meu, e faze que teus olhos não se extraviem jamais de meus caminhos.»

> *Diligam te, Domine, fortitudo mea: Dominus firmamentum meum, et refugium meum, et liberator meus.* Sl 17.

Eu, Senhor, vos dou palavra de amar-vos, que sois minha fortaleza; em vós constituirei todo o meu apoio, e vós sereis meu refúgio e meu libertador.

Propósitos

Todos os propósitos deste dia devem reduzir-se a desterrar as duas causas perniciosas que nos apartam de nosso Deus e que nos impedem receber seus divinos favores. Devemos propor ocupar-nos numa contemplação contínua de suas divinas grandezas e conhecer que esta contemplação há de causar em nós a ditosa necessidade de amá-lo. Além disto, havemos de ter presentes em nossa alma os imensos benefícios de que nos tem cumulado sua bondade divina, porque é impossível considerar com atenção as mercês que nos fez e poder-se resolver, não obstante, a ser-lhe ingratos. De um e outro nascerá um verdadeiro amor a nosso Deus; o coração se penetrará de tão divino fogo e, vivificados com seu espírito, lograremos a sorte ditosa que fez admiráveis os santos. Mas o modo de amar a Deus havemos de aprendê-lo nas obras destes e nas máximas que deixou escritas no Evangelho a eterna sabedoria do Pai. Jesus Cristo, querendo dar a entender quais eram os sinais certos do amor que se lhe tinha, dizia a seus discípulos no capítulo 14 do evangelho de São João: «Se me amais, guardai meus mandamentos.» E no mesmo capítulo confirma esta

sentença, propondo além disso as sublimes recompensas com que premia Deus aqueles que o amam. «Se alguém me ama, diz, esse guardará minha doutrina, e meu Pai o amará, e viremos a ele e estabeleceremos ali nossa morada.» Por uma parte, assegura ao cristão que a prova mais legítima que exige dele para convencer-se de que o ama é a observância de seus mandamentos; e na verdade esta mesma prova exige o mundo de seus amadores, não lhe satisfazendo senão as obras. Por outra parte, faz a grande promessa de que o Pai celestial, com seu Filho unigênito e o Espírito Santo, em Trindade indivisa, virão à alma caritativa, farão nela sua morada e a encherão de todos os bens, graças e carismas que pode produzir toda a Trindade beatíssima naquela alma feliz que chega a ser seu sacrário. Esta ventura é a que lograram os santos; daqui nasceram aqueles admiráveis êxtases, arrebatamentos, deliquios e outros afetos amorosos que nos causam admiração e excitam a Igreja a tributar-lhes seus cultos, bendizendo a Deus, que tanto amor e tanta caridade quis dar a seus servos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:53 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:53 by Admin